

UM NARRADOR EM PEDAÇOS: UMA LEITURA DE *BANDOLEIROS*, DE JOÃO

GILBERTO NOLL

A NARRATOR IN PIECES: A READING OF THE *OUTLAWS*, OF JOÃO GILBERTO

NOLL

Carolina Izabela Dutra de Miranda^{1*}

RESUMO: *Bandoleiros* (1985), de João Gilberto Noll, apresenta a história de um escritor gaúcho narrada em primeira pessoa, porém o nome do narrador não é identificado ao leitor. É ele quem circula por cidades do Brasil e dos EUA, sem fixar-se em nenhum lugar, envolvido em relações conturbadas, e sempre em ruínas, seja com a companheira Ada, o amigo João ou o estranho Steve. O objetivo desta pesquisa é investigar como a ausência de vínculos do narrador; o nomadismo; seu fracasso profissional e a figura do escritor associada constantemente à morte e ao fracasso parecem indicar um sujeito que está em conflito. Espera-se demonstrar ainda que a construção da identidade fragmentada do narrador se reflete também na estrutura textual que se apresenta em flashes, semelhantes a cenas fílmicas.

Palavras-chave: Ficção contemporânea; Literatura brasileira; João Gilberto Noll.

ABSTRACT: The *Outlaws* (1985), by João Gilberto Noll, presents the story of a gaúcho writer narrated in first person, but the narrator's name is not identified to the reader. It is he who passes by cities of Brazil and the United States, not settling down anywhere, involved in troubled relationships, and always in ruins, either with his girlfriend Ada, his friend John or the odd Steve. The objective of this research is to investigate how the absence of links of the Narrator; the nomadism; his professional failure and the figure of the writer constantly associated to death and failure seem to indicate a subject that is in conflict. It is expected to show that the construction of the narrator's fragmented identity is reflected also in the textual structure which comes in flashes, similar to movie scenes.

Key-words: Contemporary fiction; Brazilian literature; João Gilberto Noll.

INTRODUÇÃO.

Porto Alegre, Rio de Janeiro, Boston e Viamão – essas são as cidades por onde perambula o narrador anônimo do romance *Bandoleiros* (1985), de João Gilberto Noll. Nascido em 1946, em Porto Alegre, Noll publicou 13 obras e foi ganhador de cinco prêmios Jabuti, do prêmio Fato Literário e também do Prêmio de Ficção da Academia Brasileira de Letras. Esse autor guarda semelhanças com o personagem principal de *Bandoleiros* em

¹ Mestranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bolsista de produção da CAPES. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail carolizabela@hotmail.com. Endereço do currículo lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4427589P9>

relação à profissão e ao lugar de origem.

Bandoleiros, sua segunda obra, é narrada em primeira pessoa por um escritor que oscila entre contar fatos passados e presentes, tais como: o término de sua relação com a esposa, Ada, em Porto Alegre; as provocações desta ao tentar se deitar com o “poeta-suicida”; o encontro com Steve, em Boston, que termina com uma luta entre os dois, em Viamão, e a morte do grande amigo, João, um escritor otimista, no Rio de Janeiro. O escritor, ainda perturbado com o fracasso da publicação de seu último livro, *Sol macabro*, conta sobre mortes, conflitos e rompimento de relacionamentos, que sugerem uma ruína das relações humanas.

O narrador parece ser incapaz de estabelecer laços, ou mesmo não acreditar mais na existência desses: “Para ser franco, começava a achar que nada nem ninguém era muito interessante. Que tudo se repetia, muito, e que já era tarde demais para se fazer alguma coisa”. (NOLL, 2008, p. 31). Essa descrença também pode ser relacionada à figura de escritores, também em ruínas, sempre associados à morte e ao fracasso, o que indicia elementos que tornam o narrador um sujeito fragmentado, que não consegue estabelecer relações, nem se fixar em nenhum lugar, ou mesmo realizar-se em sua profissão.

Ao construir uma narrativa que “[...] capta a complexidade de uma vida e de um mundo que se apresenta cada vez mais múltiplo” (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 32), esse escritor perturbado apresenta uma identidade múltipla e fragmentada. Tais aspectos são cada vez mais associados ao sujeito contemporâneo, que será mais bem compreendido se a visão do homem que poderia atingir um saber pleno sobre o universo e sobre si mesmo for substituída pela impressão de que a verdade é sempre um modo provisório de interpretação, já que “[...] o homem uno, indivisível, senhor da sua identidade, é substituído pelo homem múltiplo, fragmentado, que não sabe exatamente quem é.” (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 24).

A fragmentação do sujeito, um escritor em crise que chega a insinuar seu suicídio, será ainda refletida em uma construção textual narrativa que se apresenta em *flashes* e trechos. O romance parece ser constituído de quadros semelhantes a cenas fílmicas, entrecortadas pela voz do narrador, que “[...] embaralha a sequência lógica, oferecendo inclusive desfechos diferentes para várias situações, deixando o leitor em dúvida quanto à veracidade de praticamente tudo o que é relatado” (MIRANDA, 2001, p. 4). Tais aspectos, que traduzem uma crise do narrador contemporâneo, perpassam o conflito vivido pela civilização moderna,

em que, segundo Stuart Hall (2006), as velhas identidades que por muito tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio e, portanto, fazem surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito unificado. Essa transformação chamada “crise de identidade” pode ser compreendida “[...] como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. (HALL, 2006, p. 7).

1.0 A RUÍNA DAS RELAÇÕES.

A desestabilização do mundo social dos protagonista pode ser percebida no esfacelamento dos laços entre os personagens de *Bandoleiros*, que, para Ítalo Moriconi, “[...] caem no vazio, divididos pelas precariedades e limites que contaminam a raiz de suas relações. Os personagens estão de certa forma incomunicáveis, separados e individualizados, em que cada personagem é visto como uma ilha da fantasia.” (MORICONI, 1987, p. 24). Tal leitura explicaria a vontade do narrador de não conversar com Steve quando o conhece, de afastar-se dos outros e seu movimento constante de deslocamento, de não se fixar a nenhum lugar e nem a uma relação interpessoal: “Ela perguntou se eu era casado. Respondi que sempre quis ser só.” (NOLL, 2008, p. 135).

O nomadismo² do narrador aliado a sua estada sempre em centros urbanos, como Boston, Rio de Janeiro e Porto Alegre, aponta para a perda da função das relações nesse espaço metropolitano: “o problema da representação literária da cidade pode estar enraizado [...] na perda da sua função de ser ponto de cruzamento e encontro das relações e transações socioculturais” (MIRANDA, 2001, p. 4).

A falta de vínculos, seja com pessoas ou lugares; o nomadismo do narrador; a ausência de sua realização na profissão e a associação constante do escritor à morte e ao fracasso indicariam um sujeito que está de certa forma perdido: “Há sempre alguém a postos para declarar que estou perdido. Que já é outro o rumo das coisas e que eu me atrasei. Que a história marcha e ainda estou cheio de ilusões” (NOLL, 2008, p. 56). O narrador é um

² A palavra nomadismo é utilizada aqui referindo-se a nômade, que é um adjetivo utilizado para se referir as tribos errantes que não tem habitação fixa; indivíduo dos povos que não pertencem a determinado país e vagueiam sem residência fixa. (BUENO, 2007, p.541.) Assim, nomadismo será entendido neste contexto como o ato de vagar sem destino, sem lugar fixo.

indivíduo caracterizado por uma identidade dividida e multifacetada. Segundo Ana Martins Marques (2003), a noção de identidade pressupõe a permanência de certos traços originais, que se mantêm inalterados. No caso do protagonista deste romance de Noll é essa garantia, de aspectos permanentes inerentes a identidade, que parece perdida.

A dificuldade de dizer “eu” que se pode localizar em textos de João Gilberto Noll coloca em questão a identidade entendida como a manutenção de um caráter essencial, e em seu lugar encontramos um sujeito errático, que não encontra pouso na profissão, na família ou num papel social estabelecido. (MARQUES, 2003, p. 30).

Por todo o romance, o narrador está migrando, de Boston ao Rio de Janeiro, do Rio a Porto Alegre; entretanto parece manifestar uma vontade de não permanecer em nenhum lugar. Esse vínculo para ele é algo impossível: “Olhei o céu cinza, e pensei que alguma coisa estava me detendo ali. Uma espécie de necessidade. E veio uma longínqua necessidade do impossível”. (NOLL, 2008, p. 120). E todos os lugares por onde o narrador passa, à exceção de Viamão, são sempre centros urbanos, espaços que revelam constantemente, na ficção contemporânea, uma quebra tanto da identificação dos sujeitos com lugares específicos quanto das relações entre os indivíduos que convivem nesses espaços. De acordo com Luís Alberto Brandão Santos:

O que é fundamental, na cidade, não é o modo de ser das pessoas e das coisas, mas o modo como circulam. Nada se estabelece – nenhum vínculo, nenhuma identificação. [...] A identidade do espaço da rua – principal espaço das grandes cidades – é a prescrição de que nenhuma identidade se constitua. Sou habitante da grande cidade se me despojo de qualquer pretensão de comunhão, se abduco da crença de que pode haver, no espaço público, constituição de um grupo. (SANTOS, 1999, p. 133).

Para o crítico, todos aqueles que se deslocam na cidade comungam somente do desejo de ignorar-se mutuamente, em um espaço onde a relação básica ideal é que nenhuma relação se estabeleça. (SANTOS, 1999, p. 133). Essa seria, portanto, a razão pela qual esse narrador nômade manifesta sempre o desejo de estar só: “E eu só queria permanecer mais algumas horas em Boston, sozinho, sem Ada nem ninguém saber de mim na cidade”. (NOLL, 2008, p. 111). O crítico destaca ainda que:

O espaço da cidade tende a ser um “lugar nenhum”, quase um “vazio” de percepção, nulidade de referências que, pelo alto grau de saturação, tornam impossível qualquer enraizamento, qualquer identificação. Espaço intangível que produz um estado de suspensão do vínculo entre o indivíduo e o que está

ao seu redor, que gera a experiência da própria dissolução dos limites da individualidade. Espaço de formas excessivas e oscilantes que torna recíprocas as tendências de irreconhecer o mundo e de irreconhecer-se. (SANTOS, 1999, p. 132).

Logo, é possível compreender que, na obra estudada, a cidade é um lugar que ressalta a perda de vínculo dos indivíduos com o espaço, evidenciando assim, no conflito com o outro, o irreconhecimento de si próprio. Essa questão é também proposta por Adelaide Miranda (2001) ao elucidar uma perda de vínculos dos habitantes da cidade entre si, e entre eles e os lugares: “Os personagens de *Bandoleiros* transitam entre as cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Boston com a maior facilidade e rapidez, sem, no entanto, se reconhecerem em nenhuma delas”. (MIRANDA, 2001, p. 13). A metrópole se destaca como um lugar onde a ruína das relações acontece de forma constante, e as pessoas se fecham em uma existência individual, numa vontade de estar só: “Porque era a minha chance: de ficar calado, bebendo num domingo de manhã. Eu queria passar pelo menos vinte e quatro horas fora da jogada. Não pertencer a ninguém nem a algum fato, puro bêbado de *dreher*”. (NOLL, 2008, p. 13).

Outro elemento que constitui o processo de degradação das relações humanas é a incapacidade de realizar o ato sexual nas relações amorosas, ou mesmo naquelas que envolvem algum outro tipo de afeição. Considera-se que o ato sexual poderia ser compreendido como aspecto que caracterizaria os laços interpessoais mais íntimos e profundos nesse tipo de relacionamento humano. A relação entre o narrador e Ada está em seu fim; ele não consegue mais se imaginar ao lado de uma mulher: “Desliguei da árvore para concluir que em minha história outras mulheres não viriam [...] Não me podia mais imaginar tendo uma mulher nos braços [...]”. (NOLL, 2008, p. 11). Mesmo quando os dois tentam de alguma forma reavivar tal relação, através de um contato mais íntimo, o ato sexual não acontece.

Os personagens são capazes apenas do ato de masturbação: “Durante minha estada em Boston eu e Ada só fazemos sexo com as mãos. Eu a masturbo. Ela me masturba. Quase nunca as masturbações coincidem.” (NOLL, 2008, p. 47). Ainda com Jill, a esposa de Steve, o narrador tem um contato rápido e íntimo: enquanto Steve passa mal na banheira, os outros dois se tocam na cozinha da casa. Porém, da mesma forma, o narrador não consegue efetuar o ato sexual; ele não deseja mergulhar nessa relação tão íntima com Jill: “Não havia outra coisa em Jill que me fizesse amá-la, desejá-la, consumi-la. Era só aquele beijo na boca que por acaso pertencia a Jill”. (NOLL, 2008, p. 140).

Na obra, a penetração sexual só acontece quando o vínculo entre dois indivíduos é de violência, quando não constitui uma relação interpessoal e, sim, um ato criminoso, como no estupro de Peg Hawthorne por Baby Buffalo. A mesma incapacidade pode ser observada nas relações entre Jill e Steve, em que, apesar de Steve se mostrar apaixonado por Jill, eles não conseguem ficar juntos: “Não, Steve trepou muito antes de mim, nenhuma castidade patológica. Mas, quando viu que me amava, não sei a razão, preferiu cair doente nos meus braços”. (NOLL, 2008, p. 134).

Além disso, o contato com Steve é outro indício da incapacidade do narrador manter qualquer relação com o norte-americano e de sua ausência de vontade para isso:

Comecei a me desligar do que ele falava – atitude antiga e banal em mim, que preferia quase sempre ficar com minhas ideias a ter que fabricar conversas [...]. Tinha chegado a uma espécie de insensata sabedoria que me retirava dos contatos humanos sem eu mesmo perceber. (NOLL, 2008, p. 114).

Apesar de não querer conversar com Steve, surge uma espécie de laço forçado entre os dois, em que o norte-americano convida o escritor para ir a sua casa. Essa relação também se desfaz. Quando Steve vai para sua terra natal, Viamão, os dois brigam, o estrangeiro acaba morto, e o narrador sugere seu próprio suicídio.

O único personagem com quem o narrador mantém uma espécie de vínculo seria o amigo João, também escritor: “João é um escritor guerreiro. Acabou de lançar um romance esperançoso. Uma história de amor na penúria [...]. Quando eu falava dos meus livros, João respondia: Tudo bem, mas por que esse talento todo empregado numa amargura corrosiva?” (NOLL, 2008, p. 74). O escritor guerreiro é interpretado, por Flora Sussekind, como “um duplo” do narrador, artifício que parece marcar a ficção do autor:

Desdobramento semelhante ao que fizera de um João agonizante uma espécie de duplo do narrador de *Bandoleiros* (1985), ao que se transformara em primeira pessoa narrativa o “ele” do sonho com que inicia *Rastros de verão* (1986), ao sujeito de *A fúria do corpo* (1981) quando apalpa, como coisa, a palavra eu. Duplicação de um lado, esfacelamento de outro. (SUSSEKIND, 1998, p. 57).

João seria, então, o duplo do protagonista, pois o “escritor guerreiro”, como é chamado, tem a mesma profissão que o narrador e estabelece com este uma forte ligação, embora João acredite nas relações humanas. É por causa de tal crença que o “escritor guerreiro” escreve um romance sobre uma história de amor, sendo, portanto, o oposto do

narrador, que não acredita nesses laços humanos. A ruína das relações ainda poderá ser vista entre esses dois personagens, porque João é o único amigo do narrador e está à beira da morte, atacado por uma doença degenerativa: a ligação do personagem principal com seu duplo, o escritor guerreiro, sofre uma ruptura, ou seja, é arruinada pela morte.

2.0 UM NARRADOR EM PEDAÇOS: A IDENTIDADE FRAGMENTADA.

Partindo da figura de João, observa-se que a relação entre a morte e os escritores é aspecto que aponta para a desvalorização, ou mesmo ruína, da figura do escritor, que implicará um narrador perdido, que não se encontra em seu ofício, o que se reflete em sua identidade fragmentária. O narrador se nomeia insistentemente como “um escritor enrustido” (NOLL, 2008, p. 133), e João o chama de “escritor desiludido” (NOLL, 2008, p. 73). Essa representação do escritor é compreendida quando ele revela: “Eu andava arrasado porque meu último livro, *Sol macabro*, não tinha vendido nada”. (NOLL, 2008, p. 9).

Posteriormente, Ada lhe conta que estava lendo o livro *Steps to the horror*, de uma escritora irlandesa que acabou de morrer, e que o romance parece narrar o processo de morte da narradora, sugerindo que ela havia morrido na última página livro: “Sim, mas como termina? Pergunto. Ada responde que nas três últimas linhas do livro a irlandesa vai contando que lhe falta ar, cada vez mais ar, ainda pede socorro ao leitor. Mas ninguém responde. E o livro acaba na palavra ar”. (NOLL, 2008, p. 83). O narrador começa a pensar acerca do que diriam os críticos se ele anunciasse que *Sol macabro* era o seu último livro. A ideia de livro derradeiro se relaciona à presença da morte e pode ser associada com o possível suicídio do narrador, que, após a brigar com Steve, declara: “E vi que uma última bala estava ali pronta. E virei o cano da arma contra o meu coração”. (NOLL, 2008, p. 109).

A simbolização da morte é ainda relacionada à figura do escritor pela presença do “poeta suicida”. Ele declara ao narrador “que já não tinha forças para a poesia num país como o nosso. Iria cometer o único ato político possível: o poema-suicídio”. (NOLL, 2008, p. 14). O fracasso estará ainda associado a esse poeta, já que ele também não consegue realizar o ato sexual com Ada por ser impotente.

Todos os escritores citados na obra podem ser associados ora à ideia de fracasso, ora à ideia de morte. Josalba Santos, em seu estudo sobre a obra *A céu aberto* (1996), de Noll,

propõe que “[...] o ser-para-morte heideggeriano é muito presente – tanto para adultos como para garotos – ou seja, a morte pode ser a qualquer momento, o que aproxima o futuro do presente, evidenciando mais uma vez a precariedade na qual se vive” (SANTOS, 1998, p. 1). Essa precariedade, que parece estar presente na figura do escritor, é fator que, somado à ruína das relações humanas por parte do narrador, o tornam um indivíduo perdido. O protagonista é um sujeito que não se encontra na sua profissão, nem em suas relações sociais e interpessoais, e nem mesmo consegue se encontrar em um lugar, assumindo o papel de escritor nômade, elementos que serão refletidos na identidade fragmentária deste narrador.

Para Karl Erik Schollhammer, as narrativas de Noll não se ancoram em um narrador autoconsciente: “Seus personagens se encontram em processo de esvaziamento dos projetos e de personalidade, em crise de identidade nacional, social e sexual [...]” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 32). Essa crise identitária é de certa forma sugerida por Flora Sussekind, que considera a obra *Bandoleiros* uma das melhores realizações da literatura brasileira nesta década, por “[...] tematizar egos narrativos precários e impotentes, em contraponto direto com a onipotência narcísica do ‘eu’ nas narrativas memorialista ou confessionais.” (SUSSEKIND; apud ARMANI, 1993, p. 20).

Essa crise identitária, constantemente assinalada nos personagens de João Gilberto Noll, poderá ser compreendida a partir de um diferente tipo de mudança estrutural ocorrido nas sociedades modernas, no final do século XX. Segundo Stuart Hall (2006), está ocorrendo uma fragmentação nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Esses elementos haviam fornecido no passado sólidas localizações para os indivíduos sociais. Dessa forma,

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de “um sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, p.9)

Os personagens de Noll demonstram essa transformação na civilização moderna, em que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. (HALL, 2006, p. 12). Essa fragmentação do sujeito como resultado de um processo social, representada na figura do narrador de *Bandoleiros*, indica

ainda a crise do papel do narrador, pois, de acordo com Theodor Adorno (2003), “o que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite.” (ADORNO, 2003, p. 56). Com o decurso da crise, esse narrador não mais poderá trazer à obra uma vida articulada e contínua, pois “ao falar de si, ao pensar sobre si, ao escrever sobre si, o sujeito está se multiplicando, está colocando em xeque sua unidade”. (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 18).

Essa questão será discutida na teoria de Todorov (TODOROV, 1973) até nas teorias contemporâneas, em que se torna evidente uma intensificação do debate a respeito da crise do papel do narrador, à medida que há uma problematização do sujeito que narra e do modo como o faz. No contexto atual, a posição do sujeito pleno é cada vez mais insustentável, pois se torna impossível para o sujeito dominar a complexidade que envolve os campos de saber, do poder ou da história. (SANTOS E OLIVEIRA, 2001, p. 9). Portanto,

o narrador é um conjunto de pontos para onde confluem várias forças – confluências que se potencializam. No texto, superfície de encontros e cruzamentos em que todas as vozes são simuladas – livres e nômades – assiste-se à agonia da linguagem idealizada e à dissolução daquele que tem a pretensão de detê-la. (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, p. 10).

A problemática do narrador contemporâneo poderá ser relacionada ainda com a estrutura dos romances de João Gilberto Noll. Segundo Idelber Avelar (2003), trata-se de uma disposição textual que marca “uma temporalidade sincopada e segmentada”. (AVELAR, 2003, p. 226):

Uma estrutura narrativa que replica a segmentação: os acontecimentos se desenrolam como tomadas cinematográficas bruscamente recortadas, numa sucessão de cenas onde nada se acumula nem se aprende. A dialética da experiência se encontra em suspenso, enfrentando-se perenemente à tarefa de começar de novo. (AVELAR, 2003, p. 226).

A segmentação observada no texto conduz a uma reflexão sobre a crise da narrabilidade da experiência, pois “[...] os personagens e narradores de Noll dramatizam uma radical impossibilidade de contar histórias – consequência de uma memória atrofiada e uma incapacidade fundamental de sintetizar a experiência.” (AVELAR, 2003, p. 30). Tendo em vista tal aspecto, pode-se dizer que a segmentação textual, os fatos apresentados por meio de *flashes* e cenas indicam também a fragmentação do sujeito que subjaz ao conflito do papel do narrador, ou seja, a impossibilidade de narrar a experiência sintetizada e coesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Portanto, o nomadismo, a incapacidade de estabelecer relações humanas ou mesmo de fixar-se em algum lugar, a impossibilidade de realização na profissão de escritor e, ainda, a incessante associação da figura do escritor ao fracasso e à morte denunciam a crise do narrador de *Bandoleiros*. Tais aspectos demonstram a dissolução de um ser pleno, uno e indivisível. Tentam traduzir a complexidade do mundo, da experiência e de sua própria identidade multifacetada, por meio de um relato confuso, desorganizado e perturbado que materializa o próprio conflito interno desse protagonista.

Dessa forma, a fragmentação se reflete também no modo como a narrativa é realizada – constituída em blocos, em cenas – no qual o leitor deverá trabalhar em sua leitura interpretativa para reconstruir um enredo. Em *Bandoleiros*, conteúdo e forma se aglutinam para salientar os conflitos da vida cotidiana moderna que levariam o homem contemporâneo a experimentar sucessivas “crises de identidade” (HALL, 2006), e o texto literário ressaltará o caráter paradoxal e múltiplo do sujeito na civilização moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO. T. W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Notas de literatura I**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

ARMANI, Maria Flávia Bueno Magalhães. **João Gilberto Noll: Um escritor em Trânsito**. Dissertação. (Mestrado em Letras. Área de concentração: Literatura Brasileira). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade de Campinas – UNICAMP, 1993.

AVELAR, I. **Alegorias da derrota: A ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina**. Tradução de GOUVEIA, S. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª Ed. São Paulo: FTD, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Tradução de SILVA, T. T. LOURO, G.S. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARQUES, A. M. **A escrita fora de si: uma leitura da ficção de João Gilberto Noll**. 131f. Dissertação. (Mestrado em Literatura. Área de concentração: Literatura Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008.

MIRANDA, A. C. Abscesso na cidade: desencontro, violência e esquecimento em *Bandoleiros*, de João Gilberto Noll. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, V. 14, p.3 – 22, 2001.

MORICONI, Í. Tentando captar o homem-ilha. **Revista Matraga: Estudos linguísticos e literários**. Rio de Janeiro, Instituto de Letras da UERJ, V. 2. Nov., p.21-29, 1987.

NOLL, J. G.. **Bandoleiros**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, J. F. **Precariedade e vulnerabilidade em A céu aberto de João Gilberto Noll**. 111f. Dissertação. (Mestrado em Letras. Área de concentração: Literatura Brasileira). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 1998.

SANTOS, L. A., OLIVEIRA, S. P. **Sujeito, tempos e espaços ficcionais: Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, L. Textos da cidade. In: VASCONCELLOS M. S.; COELHO, R.C.H. **1000 rastros rápidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.p. 131 – 138.

SCHOLLHAMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOBREIRA, R. S. O caráter provisório do sujeito na ficção de João Gilberto Noll. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, nº 72, p.63-77, maio/agosto 2007.

SUSSEKIND, F. **A voz e a série**. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Sete letras, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. Trad. PAES, José Paulo. BARROS, Frederico Pessoa. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.